

PERSPECTIVA DIACRÓNICA E USO ACTUAL DE ALGUNS CONECTORES DE PREFERÊNCIA E DE CONTRASTE EM GALEGO(-PORTUGUÊS)

XOSÉ RAMÓN FREIXEIRO MATO
(Universidade da Coruña)

ABSTRACT: After initial thoughts on discourse markers, connectives and their classification, we will study some linguistic expressions of the Galician-Portuguese system from the class of adverbs or adverbial locutions grammaticalized as counterargumentative and parenthetical connectives with adversative meaning. In general terms, the process of grammaticalization was already complete in the nineteenth century, or even before in some cases.

Among the relatively high number of counterargumentative connectives, we will pay attention to those that express the notions of preference and contrast, also analysing their formal variation reflected in the written language over the last few centuries and the probable interference of Spanish. Thus, attention will be focussed on the essential identity of Galician and Portuguese, and on the pressure that Spanish has been putting on Galician over the last few centuries. At the same time, we will consider the official standard of written Galician, taking into account the most recent changes and their consequences on the use of connectives in modern Galician.

To sum up, the connective forms to be studied here are, on the one hand, antes (ben), máis ben and ora (ben), where the notion of preference exists, and, on the other hand, en troque(s), en troca, en cambio, with the meaning of trocar (to change) as a basis, as well as polo contrario, ao contrario, por contra and pola contra, expressions developed from the meaning of contra (against). In the analysis of the use and values of these forms, the comparison with Portuguese as an extension of the old Galician-Portuguese system and with Spanish as an interference language in Galicia becomes unavoidable.

KEYWORDS: discourse markers; connectives; counterargumentatives; Galician-Portuguese; interference.

1. Os marcadores discursivos e a interferência linguística

A linguística acabou por conceder finalmente a atenção devida, dada a sua grande relevância, a umas unidades tradicionalmente marginalizadas: os

marcadores discursivos. Além da diversidade de termos hoje existente para designar este tipo de unidades linguísticas, também não existe ainda o suficiente consenso entre especialistas a respeito de que elementos concretos numa língua específica deveriam ser considerados como marcadores do discurso (Jucker & Ziv, 1998: 2). Com o objectivo de os definir têm sido adoptados critérios diferentes, uns mais amplos e outros mais restritivos. Os primeiros são mais próprios da linguística norteamericana, que aceitou a proposta nominativa de Schiffrin (1987), enquanto que os segundos são de procedência europeia, onde se costuma conceber o termo ‘marcador discursivo’ como um hiperónimo de ‘conector’, que também engloba outras categorias pragmáticas. Como afirma Pons (1998: 22), actualmente o conceito de marcador discursivo pode ser tomado, pois, como um sinónimo de conector ou como um hiperónimo referido a quase qualquer classe de palavra sem significado proposicional.

Resulta evidente que no processo de estudo destas unidades foi surgindo uma confusão terminológica ainda não resolvida na sua totalidade. Assim, unidades como a galego-portuguesa e francesa *mais* (*mas*), a espanhola *pero* ou a inglesa *but* podem ser classificadas como conjunções de acordo com as suas propriedades gramaticais, como enlaces extraoracionais ou conectivos interfrasais pelas suas capacidades textuais, como conectores contra-argumentativos ou conectores interactivos em função das suas instruções argumentativas e como marcadores discursivos pelas suas propriedades pragmáticas. Jucker & Ziv (1998: 2) inclinam-se para o termo ‘marcador discursivo’ por considerarem que é o de mais ampla aceitação e o que menos restrições apresenta na sua aplicação, isto é, o termo que “enables us to include a broad variety of elements under a single conceptual umbrella”. Aos elementos linguísticos especializados em conectarem frases Montolíó (2001: 20-21) chama-lhes “conectores, expresiones o secuencias conectivas”, acrescentando que a bibliografia recente os denomina também “marcadores del discurso” e que ela vai utilizar “casi indistintamente, una u otra denominación”. Briz (1993a; 1993b) prefere, na sua análise do espanhol coloquial, a denominação de ‘conectores pragmáticos’, que equipara com a mais geral de ‘transições de fala’ ou de ‘marcadores do discurso’ (Briz, 1993a: 147). Portolés (1993; 2001), por sua vez, considera o termo ‘marcador discursivo’ como um hiperónimo em que inclui conceitos do tipo de ‘conector’, ‘operador discursivo’, ‘reformulador’, ‘marcador de controle de contacto’, etc. Igualmente, Cortés Rodríguez distingue três elementos do discurso diferenciados: ‘conectores’ (se a restrição inferencial é bidireccional), ‘marcadores do discurso’ (se a restrição inferencial é unidireccional) e ‘organizadores’ (se a restrição inferencial não existe); mas também admite que estes diferentes termos se misturaram habitualmente, no entanto, “hasta el punto de que uno de ellos, marcador del discurso, ha llegado a adquirir una condición hiper-categorica al aplicarse a cualquier forma cuya función primaria y convencional sea organizar dicho discurso y facilitar la interacción” (Cortés, 2000: 539).

Em consequência, a denominação de ‘marcadores discursivos’ é cada vez mais aceite, ainda que existam diversas perspectivas para a sua delimitação e, portanto, múltiplas e diferentes definições deste conceito. Ficaremos com esta, inspirada em Portolés (2001: 25): os marcadores discursivos são unidades linguísticas invariáveis que, sem desempenharem uma função sintáctica dentro da oração, guiam o processo inferencial que se produz na comunicação, possibilitando desta forma a adequada interpretação do texto. Apesar de não possuírem essa função oracional nem poderem ser núcleo de uma resposta a uma pergunta, resultam, porém, necessários na comunicação para indicarem o sentido da conexão, ligando segmentos maiores ou menores do discurso.

Existem muitos elementos na língua que não cumprem estritamente funções oracionais e que se aproximam das funções dos marcadores discursivos, de modo que também se produzem posicionamentos diferentes e claras discrepâncias quanto à delimitação das unidades. Mateus *et al.* (2003: 104-105) falam mesmo de “conectores adverbiais e preposicionais”, oferecendo uma listagem de formas e valores em português, e acrescentam que “também expressões adjectivais e frases não finitas podem ser utilizadas como conectores”, para o que achegam como exemplos *primeiro, segundo, a seguir, continuando, para começar, para terminar, concluindo, recapitulando, resumindo*, etc. Tanto os conectores como as partículas modais são duas categorias pragmáticas que se caracterizam por não contribuírem para a estrutura proposicional do enunciado em que se inserem, mas que se diferenciam pela sua função: os conectores são elementos especializados em indicarem a relação de união existente entre dois constituintes linguísticos, ou entre um constituinte e as circunstâncias da enunciação, e as partículas modais marcam a atitude do falante a respeito da mensagem transmitida. Ferrer (2001: 106-107) considera partículas modais algumas conjunções (*mas, pois, e*), advérbios (*acaso, então, já, não, singelamente, simplesmente*, etc.), vocativos (*diz-me/diga-me, homem*, etc.), locuções (*é que, por certo, a propósito*), ‘tags’, repetições ou apêndices (*não?, verdade?, eh?, não é?, não é certo?, (não) está você de acordo?*), etc. Tanto os conectores como as partículas modais, junto com alguns operadores argumentativos, certos advérbios modais, determinados usos das interjeições e os elementos que marcam o carácter interactivo da conversação, entre outros, podem considerar-se co-hipónimos de uma classe superior que é a dos marcadores discursivos (Ferrer & Pons, 2001: vii). Porém, com um oportuno critério de prudência, Portolés (2001), ainda que concordando com a ideia de os marcadores discursivos constituírem o elemento superordenado de outros grupos de unidades de rango inferior, restringe de maneira considerável o número de unidades que fazem parte dos marcadores discursivos¹.

¹ Para uma perspectiva geral da relação entre conectores e marcadores discursivos veja-se Pons (2001) e para uma distinção entre os conectores e outros marcadores do discurso em espanhol pode consultar-se Portolés (1993). Sobre o conceito de ‘conector’ nos diferentes estádios da teoria da argumentação na língua de Ducrot, que utilizou por primeira vez o termo a propósito de *mais* em francês, pode ver-se Gonçalves (2002). Sobre os conectores do espanhol na conversa coloquial veja-se Briz (1993a e 1993b) e na língua escrita

Por outra parte, os marcadores discursivos têm uma grandíssima frequência de uso, nomeadamente na língua oral, mas também na escrita. Tal como acontece com todas as classes de palavras gramaticais, que constituem inventários normalmente reduzidos, ou relativamente reduzidos em comparação com as palavras lexicais, os marcadores discursivos, ainda dentro da sua heterogeneidade, formam também um conjunto mais ou menos limitado de unidades de aparição muito frequente em qualquer tipo de construção textual. Na Galiza, onde o galego (ou galego-português) esteve modernamente, e ainda continua a estar na actualidade, submetido ao domínio do castelhano, língua secularmente de poder e língua tecto, tal frequência de uso conduz a um alto grau de interferência deste, como acontece com as preposições, advérbios ou conjunções (Parga, 1999: 806), classes donde em muitos casos provêm os marcadores.

Alguns marcadores discursivos do galego passaram a ser usados no castelhano falado na Galiza, prévia adaptação ou tradução (caso de *e logo~y luego* ou de *daquela~de aquella*). Mas muitos mais são, evidentemente, os casos inversos, aqueles em que os marcadores discursivos do espanhol se introduziram no galego, com as suas formas e funções. É a alta frequência de uso que lhe confere uma especial relevância na língua oral da actualidade, assim como também na língua escrita dos últimos séculos, e a que os converte em símbolos representativos da desnaturalização do galego-português da Galiza. Uns são tomados directamente do espanhol, como *bueno*, *o sea*, *vamos a ver*, *sin embargo*, *hombre*, *en primer lugar*, *de todas formas*, etc., outros apresentam-se parcialmente adaptados ao galego, caso de *é decir* ou *de todos xeitos* (*modos*, *maneiras*, *formas*), e alguns já foram suprimidos da norma oficial do galego na última revisão de 2003, como *entonces*, *sen embargo*, *en cambio*, *anque* ou *esto é*.

2. Definição e classificação dos conectores

De acordo com o anterior, no presente trabalho parte-se da ideia de os conectores serem marcadores discursivos cujo significado fornece instruções argumentativas que orientam as inferências derivadas do conjunto dos membros relacionados. Os conectores vinculam semântica e pragmaticamente um membro do discurso com outro anterior ou com uma suposição contextual de fácil acesso, e podem ser de três classes (Portolés, 2001: 139-141):

a) conectores aditivos: a um membro discursivo anterior acrescenta-se outro com a mesma orientação argumentativa, permitindo assim a inferência das conclusões pertinentes; há dois grupos: (i) os que vinculam dois membros discursivos que se ordenam numa mesma escala argumentativa, como acontece em galego com *até* ou *ata*, *mesmo*, *inclusive* ou *incluso*, *é máis*, *aínda máis* ou *máis aínda* (Acín, 1998); (ii) os que vinculam dois membros discursivos que não se ordenam numa mesma escala argumentativa, como

Montolío (2001). A respeito dos marcadores discursivos em geral e dos conectores contra-argumentativos no galego escrito, veja-se Freixeiro (2005).

alén diso, (para) alén de, ademais (de), amais de, por riba, aínda por riba, aínda por cima, de por parte ou á parte (Cuartero, 1995; García Negroni, 2001). Estes são alguns exemplos tirados de textos literários galegos: *Expli-coume que levaba moitos anos vivindo como estranxeiro. Máis aínda: pensaba que soio podía vivir como estranxeiro* (Gonsar, CTS 14); *Vello namoradizo, que ten, ademáis, a desgracia de chamarse Saturio* (Castelao, VE 12); *De por parte, segundo informes fidedignos, parece que um dos fugidos foi visto pola zona de Santa Cecília* (Carvalho, SC 261); *O dereito penal do inimigo do que temos falado aquí. Alén diso, a pretensión de ser unha lei integral apenas serve para contaminar con criterios de dereito punitivo ámbitos normativos como o dereito de familia* (M. Cidrás: “Máis do de sempre”, ANT 10-16/6/2004, p. 40).

b) conectores consecutivos: apresentam o membro do discurso em que figuram como uma consequência de um membro anterior; são *pois* (quando possui valor consecutivo), *así (pois), (pois) entón, logo, e logo, daquela, por tanto* (Guimarães, 2002: 149-168), *xa que logo, por conseguinte, de aí, en consecuencia*, etc. Eis alguns exemplos do galego escrito: *Así, pois, Minguiña, / para ó teu enxemplo / do que á moxiganga / será ao seu tempo* (Sarmiento, C 283)²; *Pois entón compre que o meditemos, porque para casar..., pa-ra ca-sar, gostaríame un home con cabeza* (Castelao, VE 15); – *¿E logo que tés, home, que te vexo moi caviloso? Ise non é o teu xenio cando se anda de esmorga. Algo che pasa...* (Blanco-Amor, AE 67).

c) conectores contra-argumentativos: estabelecem tal vinculação entre dois membros do discurso que o segundo se apresenta como supressor ou atenuador de alguma conclusão que se puder deduzir do primeiro; Portolés assinala os seguintes tipos: (i) aqueles que apresentam um contraste ou contradição entre os membros vinculados, como *en troque(s), en troca, antes ben, pola contra, ao contrario ou polo contrario* (Portolés, 1998); (ii) os que introduzem conclusões contrárias às esperadas de um primeiro membro, como *porén, non obstante, con todo, así e todo, ora ben*, etc.; e (iii) os que atenuam a força argumentativa do membro anterior, como *mais, pero* (Fernández Ferreiro, 2002) ou *iso sí*; deixando de parte aqueles que serão tratados nas páginas seguintes, estes são alguns exemplos tirados de textos literários: *Con todo, non o soltéi e xuntos chegamos ao alpendre e xuntos baixamos o cómaro que o arrodea* (Blanco-Amor, AE 138); *Parecía envexablemente relaxado. Así e todo, non poiden deducir o seu sono dun dos síntomas máis claros* (Gonsar, CTS 87); *Mais hei de advertir a todos, inantes de seguir adiante, que Don Froilán era home de moita caridade* (Fole, ALC 47); *Escoita: ter sido mariñeiro e para min algo máis, moito máis, que ter deixado de ser probe. Pero iso ti non-o entendes* (Dieste, AFV 36).

Koch (2003: 30-46), por seu lado, desde uma perspectiva mais ampla, fala dos ‘operadores argumentativos’ como elementos da gramática de uma

² É frequente nas Coplas de Sarmiento a aparición deste *pois* parentético, normalmente precedido de *así*: *Ansi, pois, ansi, / gardando ó respeito* (C 162); *Asi, pois, cô grande / juntando ó pequeno* (C 174); *Asi, pois, Maruxa, / non me estès rengendo* (C 176), etc.

língua que têm a função de indicarem a força argumentativa dos enunciados, “a direção (sentido) para o qual apontam”, e distingue: (i) operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão (*até, mesmo, até mesmo, inclusive*), (ii) operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão (*e, também, ainda, nem (= e não), não só... mas também, tanto... como, além de..., além disso..., a par de...*), (iii) operadores que introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores (*portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, consecuentemente*), (iv) operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas (*ou, ou então, quer... quer, seja... seja*), (v) operadores que estabelecem relações de comparação com vista a uma dada conclusão (*mais que, menos que, tão... como*), (vi) operadores que introduzem uma justificação ou explicação relativa ao enunciado anterior (*porque, que, já que, pois*), (vii) operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias (*mas, porém, contudo, no entanto, ainda que, apesar de (que)*), (viii) operadores que têm por função introduzirem no enunciado conteúdos pressupostos (*já, ainda, agora*), e (ix) operadores que se distribuem em escalas opostas (*um pouco, pouco; quase, apenas, só, somente*).

Porém, esta classificação de Koch supera o limite de unidades que formam parte, com um critério restrito e manejável, dos marcadores discursivos propriamente ditos e, portanto, também dos conectores contra-argumentativos³. Parte-se, pois, da consideração dos conectores como um grupo de marcadores discursivos que especificamente desempenham a função de estabelecerem uma conexão entre dois segmentos discursivos, ainda que de uma forma ou de outra todos os marcadores realizem funções conectoras. Nas páginas que vêm a seguir vai centrar-se a atenção em dois subgrupos de conectores contra-argumentativos: os que expressam a noção de preferência e que podem conter a partícula *bem* como segundo constituinte, por um lado, e os que mais claramente indicam contraste ou contradição entre os segmentos que conectam, por outro, ainda que a noção de contraste também esteja presente, de alguma forma, em todos os contra-argumentativos; *antes bem* encaixa em ambos os grupos.

3. Os conectores que exprimem a noção de preferência

Na língua existem estruturas adversativas e estruturas concessivas, sendo ambas o resultado de conceitualizarmos de modo diferente a mesma

³ Sobre os marcadores e a argumentação veja-se Anscombe & Ducrot (1994), Fernández Ferreiro (2002: 67-69) e Padilla (2001); também Koch (2002: 102-108; 2001: 65-70). Um estudo sobre os que a autora denomina ‘conectores argumentativos’ pode ver-se em Maingueneau (1996: 61-87), onde se concede uma especial atenção a *mas*, ao lado de *pois bem, pois, porque, já que*; também trata dos ‘conectivos argumentativos’, na óptica do francês, em Maingueneau (1997: 159-185). A respeito das conjunções como operadores de argumentação veja-se Guimarães (2002: 33-186).

noção de contra-argumentação. A diferença fundamental entre as orações concessivas e as adversativas radica no argumento que se destaca, constituindo a concessividade e a adversatividade mais um expoente da capacidade humana para exprimir de maneira diferente um mesmo conceito⁴. As estruturas adversativas apresentam uma ordem fixa em que no primeiro segmento se formula uma proposição e depois se matiza no seguinte, sem poder ser alterada tal organização; esta ordem guarda uma estreita relação com a estrutura informativa da oração, que normalmente apresenta um esquema tema-rema (Freixeiro, 2003: 82-91). Enquanto que nas estruturas concessivas se tende a remarcar o tema, nas adversativas perspectiviza-se o rema; isto é, a prótase concessiva remete para informação conhecida e as estruturas adversativas introduzem informação nova que funciona como rema. Semanticamente as orações concessivas caracterizam-se por introduzirem conteúdos que costumam identificar-se com a origem de uma relação, destacando a tese, e pragmaticamente por introduzirem informação conhecida ou pressuposta; as adversativas, pelo contrário, introduzem conteúdos associados com o destino ou resultado de uma relação, a antítese, e destacam uma informação nova; ainda que esta informação fosse apresentada previamente, porém, é reutilizada como argumento contrário a outro, para dessa forma dar um novo sentido ao discurso (Garachana, 1998: 597).

Para caracterizar o subgrupo dos conectores que exprimem a noção de preferência dentro dos conectores adversativos, Garachana parte do princípio de que estes indicam a instrução ‘sustenha-se *p*’, sendo *p* o argumento mais forte dos dois que formam a construção contra-argumentativa; como conectores adversativos introduzem, pois, o argumento mais forte numa estrutura em que se opõem dois juízos, constituindo este o seu significado básico. Por isso resulta pertinente que para exprimir tal valor de preferência se utilizem partículas que indicam prelação ou superioridade, como *antes*, *mais* ou *agora*, noção reforçada com frequência por *bem*, que também pode aparecer por analogia nestas e noutras expressões (*pois bem*, *e bem*, etc.); afirma Portolés (2000: 774) que nos casos de *agora*, *antes* e também *então* se passa de uma dêixis temporal a uma outra discursiva. A ideia de preferência, superioridade ou prioridade projecta-se metaforicamente no plano textual para denotar adversatividade, ou seja, superioridade de um argumento sobre outro.

As orações adversativas introduzem a informação mais relevante dentro da estrutura argumentativa, o que quer dizer que destacam a informação mais pertinente para o avanço informativo do texto; a função dos conectores adversativos é sublinharem essa maior pertinência (Garachana, 1998: 598). Estes possuem, pois, valor remático ao introduzirem uma informação básica para a progressão temática do texto. É o caso também de *antes* (*bem*), *mais bem* e *ora* (*bem*), que têm de modo significativo a sua origem em expressões

⁴ De acordo com Garachana (1998). Sobre adversação e concessão veja-se também Fuentes (1998b: 17): “La adversación y la concesión están muy cercanas, porque en ambos casos tenemos una anti-orientación argumentativa. En la adversación sólo se plantea dicha anti-orientación sin más, y en la concesión se presenta una implicación causal violada”. A respeito da adversação no espanhol actual veja-se Acín (1993).

que costumam introduzir informação pertinente para a progressão do texto, normalmente coincidente com a informação remática da sequência em que aparecem. Estes conectores têm em comum o facto de procederem de termos que implicam a presença de um outro termo, por regra geral anterior, com que se acham de algum modo relacionados: *antes* aponta para algo previamente mencionado, *(ag)ora* costuma estar conectado a um ‘antes’ e *mais bem* sublinha a superioridade de um termo com relação a outro anteriormente apresentado; assim, antes da sua gramaticalização como partículas adversativas, estabeleciam uma relação entre dois fragmentos do texto. Tendo em conta que, para além do valor remático dos conectores adversativos, estes também possuem carácter anafórico, pode deduzir-se que o valor anafórico das expressões conformadoras destes conectores faz pressupor que estas desempenham uma função de coesão discursiva que também favoreceria a sua evolução como partículas conectivas. Além disso, como nas estruturas em que se originaram existia uma noção de contraste (entre um antes e um depois, entre algo melhor e algo pior), isto teve de favorecer que *antes (bem)*, *ora (bem)* e *mais bem* acabassem por adquirir um significado contra-argumentativo.

A partir da hipótese de Givón e Hopper de que a sintaxe tem a sua origem no discurso, Garachana (1998: 610) adere à ideia de que determinadas relações sintáticas são o resultado da cristalização ou rotinização de certas relações de natureza semântica e pragmática que se estabelecem no âmbito discursivo. Em consequência, o desenvolvimento de partículas conectivas como *antes bem*, *ora bem* ou *mais bem* seria o resultado da convencionalização de certos moldes sintáticos para exprimir funções discursivas concretas, estando a sua gramaticalização condicionada por uma combinação de factores semânticos, sintáticos e discursivos, o que contribui para confirmar a hipótese da interrelação entre os diferentes níveis de análise linguística. Igualmente, o facto de estas três partículas evoluírem de um significado de preferência para outro de adversatividade parece pôr em evidência que o desenvolvimento deste significado tem o seu fundamento em mecanismos cognitivos concretos, constituindo tal recursividade mais uma manifestação da regularidade da mudança semântica.

3.1. *Antes (bem)*

A respeito de *antes (bem)*, deve ressaltar-se que a sua gramaticalização como conector deriva do advérbio espaço-temporal *antes*, que nalgum dos usos funciona como marcador de preferência, não expressando já anterioridade física, mas conceitual, mediante um processo metafórico em que se assinala a prioridade de um facto face a outro, baseado no suposto de que o que está antes é melhor. A partir deste sentido de preferência chega-se ao de adversatividade e *antes (bem)* passa a funcionar como conector adversativo exclusivo, com um significado procedimental que determina a força argumentativa de duas proposições, sublinhando a superioridade da introduzida por ele (Garachana, 1998: 602); tendo em conta o sentido de aprovação ou conformidade de *bem*, que explica o seu valor continuativo para introduzir

uma informação mais relevante que a anterior, pode deduzir-se que a sua presença reforça ou ratifica a maior validade do argumento introduzido por *antes*. Como assinala Montolío (2001: 89), *antes bem*, que se coloca obrigatoriamente na posição inicial do segundo argumento e que carece portanto da mobilidade de outros conectores contra-argumentativos, é um conector que funciona necessariamente com uma primeira parte de polaridade negativa, onde se nega uma informação, e introduz uma segunda informação que se apresenta como correcta, substituindo a primeira; ou seja, *antes bem* elimina a primeira parte como proposição válida para a continuação do discurso e substitui-a por outra proposição que apresenta a nova informação como a única válida; a primeira proposição é, pois, uma proposição negada, como mostram estes exemplos literários: *De esto non hai que estrañarvos;/ antes ben, facendo gala/ de esta nación, estimala* (SEI, 154); *Larpeiro, dotes de putas,/ nunca a medrar chegarán,/ antes ben agoirarán/ a-as facendas que se xúntan* (Fandiño, C 128).

Assim pois, *antes bem* leva a cabo um tipo de oposição excludente baseada na incompatibilidade de conteúdo dos dois membros conectados: o primeiro apresenta-se como uma proposição falsa ou errónea e o segundo introduz a verdadeira ou correcta; quer dizer, o conector *antes bem* introduz uma segunda parte que contém a informação correcta e que cancela a da primeira (Fuentes, 1998b: 89); coincide com o valor excludente de alguns usos de *pelo contrário* e admite a variante *antes ao contrário*, que se une nos seus valores a *ao contrário* ou *todo o contrário*, não propriamente conectores supra-oracionais. Por isso o valor de *antes bem* está mais perto do de rectificação excludente da construção adversativa com *senón* (*senão*) *que* do galego(-português) que do propriamente contra-argumentativo, pois não se suprimem possíveis inferências deriváveis da primeira parte, mas anula-se a verdade do dito ou sugerido nela e substitui-se pela validade única do segundo membro. Além disto, *senón que* e *antes ben* também coincidem em se relacionarem com um primeiro membro de polaridade negativa de tipo sintáctico (não morfológico):

- (1) a) *Non é eficaz, senón que é torpe.*
 b) *Non é eficaz; antes ben, é torpe.*
- (2) a) *#É ineficaz, senón que é torpe.*
 b) *#É ineficaz; antes ben, é torpe.*

Ainda assim, não deve ser considerado *antes ben* como a versão parentética de *senón que*, pois o primeiro conector leva a cabo uma rectificação com conteúdo argumentativo e o segundo expressa uma refutação não argumentativa; ou seja, *antes ben* relaciona dois argumentos pertencentes a uma mesma escala argumentativa (Ducrot, 1980; 1995), substituindo a validade do primeiro pela do segundo, que tem mais força (Montolío, 2001: 90). É isto o que explica que nem sempre estas expressões sejam comutáveis:

- (3) a) *Non é de Lugo, senón que é de Vigo.*
 b) *#Non é de Lugo, antes ben é de Vigo.*

No galego escrito, como põem em relevo alguns exemplos já citados, já registámos *antes (ben)* como conector contra-argumentativo em textos do século XVIII e XIX.

3.2. *Máis ben*

Quanto a *máis ben (mais bem)*, que literalmente significa ‘melhor’, contém um claro significado de preferência, a partir do qual é fácil chegar ao adversativo, pois os conectores adversativos introduzem informação ‘preferida’ à fornecida com anterioridade, isto é, informação remática. A evolução para sentidos adversativos vê-se favorecida se *máis ben* aparece em estruturas em que se expressa algum tipo de contraste. Se a isto se acrescentar a utilização de *máis ben* como reforço de conectores adversativos, compreender-se-á que possa acabar por exprimir adversatividade, pois ao sentido de preferência vem somar-se o sentido contra-argumentativo da construção em que aparece. O resultado final da gramaticalização de *máis ben* será um conector adversativo exclusivo, em claro paralelismo com *antes (ben)*, pois em ambos os casos duas expressões que denotam preferência gramaticalizam-se com um valor adversativo-exclusivo⁵. Porém, diferenciam-se no sentido em que *antes (ben)* afirma totalmente o conteúdo expresso no segundo argumento e *máis ben* possui um valor atenuativo: não afirma de forma contundente o segundo argumento por ele introduzido, ainda que exclua o argumento prévio (Garachana, 1998: 606), como mostram estes exemplos: *que che he tarabeleada,/ ou mais ben cousa de nenos* (Fandiño, C 133); *O cal ela de ningunha maneira quixo consentir; antes ben, // –Ay! Señor –contestoulle– si algunha man, se debe bicar, é a vosa* (López Ferreiro, CA 178).

Tal diferença pode ser explicada pelo significado inicial destas partículas: *máis ben* procede de uma expressão comparativa que simplesmente indica que um dos membros da comparação é melhor do que o outro, mas não expressa superioridade absoluta; *antes (ben)*, pelo contrário, assinala prioridade ou superioridade de um argumento frente ao outro, de modo que o enunciado que introduz é completamente afirmado. Já achámos exemplos de *máis ben* como conector contra-argumentativo em textos do início do século XIX, como mostra o penúltimo exemplo citado no parágrafo anterior.

3.3. *Ora (ben)*

A respeito de *ora (ben)*, que convive em galego com *agora (ben)*, tem o sentido original de simultaneidade com o momento da enunciação, de acordo com as suas raízes etimológicas: a partir das formas latinas, seguindo o processo evolutivo *ad hora>aora>oora>ora* e *hac hora>agora* (Ferreiro,

⁵ Veja-se Fuentes (1998a: 31), quem distingue entre relacionantes de oposição restritivos (*antes ao contrario, polo contrario, non obstante, con todo, aínda así, ora ben*, etc.) e exclusivos (*antes ben, máis ben*), que negam um elemento para afirmarem o outro.

1999: 356)⁶. Nas estruturas em que *ora* (ou *agora*) indica tempo concorreria, segundo Garachana (1998: 607), uma noção de oposição ao contrapor-se o passado à actualidade, ou seja, o que não está vigente ao que está em vigor, resultando que a proposição que contém o advérbio é destacada por ser a relevante no momento da enunciação. Assim, *ora* (ou *agora*) já não expressa tempo, mas sublinha a validade do enunciado anterior e introduz um outro que continua a linha argumentativa do primeiro, mas que resulta mais pertinente. O esquema temporal ‘antes’/‘agora’ serve para organizar o conteúdo textual, de modo que o ‘antes’ é o primeiro argumento e o ‘agora’ é o segundo⁷, que constitui por sua vez a informação mais relevante, surgindo desta forma os valores continuativos de (*ag*)*ora*, que ocasionalmente combina com o também continuativo *ben*. Deste valor continuativo de *ora ben* talvez derive o seu sentido adversativo: o conector assinala a validade do enunciado anterior e a maior relevância do que vem a seguir, marcando portanto a preferência pelo segundo argumento. Como a noção de preferência de um argumento é básica nas partículas adversativas, será suficiente aparecer em contextos em que se expresse contraste para que *ora (ben)* se converta em conector adversativo.

Porém, existe uma clara diferença com *antes (ben)* e *máis ben: ora (ben)* tem um significado adversativo restritivo, não exclusivo, derivado do seu valor continuativo, que não supõe exclusão de nenhum juízo; isto é, indica a preferência por um argumento sem que isso suponha invalidar o menos pertinente, de modo que a relação entre os dois não é de incompatibilidade. Pelo contrário, *antes (ben)* e *máis ben* são conectores adversativos exclusivos, pois apresentam a prioridade ou preferência em termos de incompatibilidade entre os argumentos. Como afirma Montolío (2001: 67), a particularidade de *ora ben* consiste em que funciona como uma espécie de organizador do discurso, pois pontualiza ou precisa a informação anterior, introduzindo certas observações, de maneira que, além de estabelecer uma relação contra-argumentativa, leva a cabo uma função metadiscursiva de chamada de atenção para a informação que introduz; quer dizer, ainda aceitando a verdade e a força argumentativa do membro que o precede, elimina uma conclusão a que poderia conduzir e introduz uma outra informação pontualizadora, mais relevante, que precisa do conteúdo do segmento discursivo precedente e reorienta a prossecução do discurso. Frente a outros conectores contra-argumentativos parentéticos, *ora ben* carece de mobilidade, devendo ocupar sempre a posição inicial do segmento que introduz, como acontece com *antes ben*. Por outra parte, *ora ben* é um conector que habitualmente é monologal, pois une os enunciados de um mesmo locutor, ao

⁶ Veja-se também Gonçalves (2004: 384), a tratar do parentesco entre *ora*, *ahora* e *or*: “Relativamente a *ora*, a única dúvida prende-se com o facto desta também poder provir da locução ‘*ad-hora*’ ou da forma de ablativo (*h*)*ora*”.

⁷ Vejam-se, a título de exemplo, estes versos: **Antes** en festas e feiras/ traguían cofias e dengues/ todal-as mozas solteiras./ **Agora**... ¡mangoleteiras! / solo tran mil prendengues (Rodríguez González, FO 82).

contrário de *mais* (e *pero*), que pode aparecer nos dois contornos, o monológico e o dialogal (Portolés, 1995: 259); igualmente, pode unir não só informações oracionais, mas também parágrafos inteiros, parecendo ser esta a sua função habitual (Montolío, 2001: 69).

Miguel Gonçalves (2004: 399), a comparar os valores do francês *or*, do espanhol *ahora bien* e do português *ora bem*, considera estes dois últimos locuções “que favorecem todo o tipo de oposição, desde a simples reticência à contradição”, ao contrário de *or*, que pode ser opositivo ou não-opositivo e que “parece ter-se especializado na contradição quando é opositivo”; desta forma, *ahora bien* e *ora bem* apenas poderão traduzir *or* “quando articulam uma contradição”. Observa, pois, este autor a equivalência entre *ahora bien* e *ora bem*, que qualifica com “*marcadores de raciocínio*, no sentido em que colocam as proposições que vão entrar no raciocínio sem forçosamente o estruturar e o levar até ao fim”.

No galego escrito convivem *ora* e *ora ben*, já documentado a fins do século XVII⁸, e *agora* (ben), como se pode ver nestes exemplos: envejando o Indo e o Ganjes/ os nosos Sar e Sarela./ **Ora**, ben debes o ser/ (SEI, 31); quosais por non dar pracer/ a algúns que en Purtugal hai./ **Ora ben**, isto está feito (SEI 91); **Agora ben**, ¿qué significaba esactamente ser norteamericano? (Gonsar, CTS 18); soamente eles carecen de problemas. **Agora ben**, o anuncio publicitario ocúltanos (S. de Toro, ET 143). Segundo mostram os dois primeiros exemplos, a forma *ora* (ben) parece ser a mais tradicional em galego e, portanto, a mais recomendável na norma culta; assim o considera a Associação Galega da Língua (1983: 122) quando afirma que cumpre “rejeitar tamém a forma *agora bem*, decalque do espanhol culto, em benefício de *ora* (bem), harmónica co luso-brasileiro”. Na linha de reforçarem o carácter tradicional de *ora* parecem apontar os gramáticos antigos, ainda que não se estejam a referir em concreto aos seus valores discursivos. Assim, Saco Arce (1868: 139-140) afirma: “Ora (excitacion ya suplicando, ya irónicamente) ea, pues. Ejemplos: Ora, traime ise libro, dame ese libro: Ora, pègalle, atrevete á tocarle (en sentido conminatorio)”; em nota acrescenta: “Probablemente vendrá de hora, pues equivale á decir amenazando: Tócale en este momento. En francés *or*”. Cuveiro (1868: 37), por sua parte, ao falar das conjunções disjuntivas, diz: “El *ahora* es *ora* en todos los casos, v. gr. *ahora arriba*, *ahora abajo* nunca está quieto, *ora arriba*, *ora abaixo* nunca está quedo”; mas não a cita entre as conjunções adversativas, para as quais oferece esta listagem: *mais*, *pero*, *cando*, *anque*, *antes ben*, *maisque*, *ben que*, *sinon*, *siquera*. No entanto, nos textos literários decimonónicos conseguimos registar até quatro ocorrências de *agora ben* como conector por nenhuma de *ora ben*, ainda que haja múltiplos casos de *ora* tanto como advérbio de tempo equivalente a ‘neste momento’ como com outros valores,

⁸ Fernandes (2003: 150), no âmbito português, documenta a ‘partícula discursiva’ *ora* em Gil Vicente, que introduz “um enunciado reactivo do locutor onde este demonstra a sua recusa perante o conteúdo proposicional do enunciado do seu interlocutor”; também *ora pois*, de carácter argumentativo.

entre estes o distributivo (ora... ora) com relativa frequência, para além de outras ocorrências muito numerosas de *agora* e do castelhanismo *ahora* como advérbios.

4. Conectores parentéticos de contraste

Existe no galego escrito um pequeno grupo de conectores parentéticos especializados em porem em contraste a informação antecedente com a que eles introduzem; trata-se de *en troque(s)*, *en troca*, *en cambio*, *polo contrario*, *ao contrario*, *pola contra*, *por contra* ou *antes ben*, ainda que já tenhamos estudado este entre os que expressam a noção de preferência. Como estes, também são introdutórios de argumentos fortes por ser a informação a que dão lugar a que finalmente se impõe na linha discursiva. Mas, ao contrário de outros conectores adversativos, não se encarregam de anular a conclusão a que o segmento precedente parecia conduzir. Entre eles podem estabelecer-se dois subgrupos, representados por *en troques* e *polo contrario* como conectores prototípicos.

4.1. En troque(s), en troca, en cambio

A respeito de *en troque(s)* ou *en troca*, que podem ser considerados variantes de um mesmo marcador discursivo, o que convém clarificar primeiro é a sua génese como conector e a convivência com *en cambio*, talvez utilizado por interferência do castelhano. Ferreiro (1999: 367) diz que a locução *en troques de* “parece terse formado sobre o substantivo *troque*”, com -s adverbial, derivado regressivo de *trocar*, de origem obscura. Deve ter sido uma formação moderna, pois não a achámos registada, sob qualquer das formas (*en troque*, *en troques*, *en troca*, *en troco*), nos textos do galego médio. Mas nos textos do século XIX já tem uma relativa frequência de uso, tanto plenamente gramaticalizada como conector parentético, como seguida da preposição *de* sem gramaticalizar, e tanto com -s analógico como sem ele, fórmula esta dominante nos textos do período: *i a troque de deixar sin ollos ó seu home* (LFF 30); *Pola mor da locomotora i en troques das picalladas que nos trai* (Lamas Carvajal, OLX 283); *en troque dun mal almorzo* (Armada, NME 17); *en troques, deixan o governo da casa ó vultuntum* (Lamas Carvajal, OLX 278); *Eu, en troque, traereivos/ moitos feixes/ d'alcacer* (Armada, NME 20); *En troque contras/ tèn ben sabidas* (Fernández y Morales, EP 213); *A nai e a rapaza deixaron o tempo;/ en troque axionllado, meu home, na igrexa* (Carré, RA 44). Nos textos da primeira metade do século XX continua a usar-se ocasionalmente este conector contra-argumentativo de contraste e a alternarem também as duas variantes formais: *En troque as casas... ¿direino?* (Noriega, OC I, 270); *-En troque, pecaches moito* (Amado Carballo, OPV 43); *O Dr. Alveiros en troques era seu amigo* (Risco, PDP 131); *O pai: En troques, se lle pós cara ao señor Fuco...* (Castelao, VE 60).

O conector *en cambio* também aparece modernamente em galego, possivelmente procedente do espanhol. Não registámos nenhum caso nos textos dos séculos obscuros e o exemplo escrito mais antigo que conseguimos documentar corresponde a 1861, num texto em dialecto berciano com muitos castelhanismos: *que bufaba 'n él, en cámbio/ cubriuselle c'a humedá/ d'escamas* (Fernández y Morales, *EP* 273). Os demais já correspondem quase todos aos finais do século XIX e apresentam vários deles alteração formal no vocalismo: *Mira en cámbio incomovibre/ do val no médeo esa pena* (*LFF* 185); *As costureiras d'agora/ gastan moito polisón,/ y en cambeo tran á camisa* (Pérez Placer, *CR* 17); *dá c'o pé òs que son d'a cas,/ e a man, en cambeo, òs alleos* (Lois, *ES* 95); *dálles noxo comer a broa que comeron toda a vida, e en cámbio, mantéñense con faragullas de pantrigo* (Lamas Carvajal, *OLX* 203). N'A *tecedeira de Bonaval*, de López Ferreiro, não se regista nenhum caso de *en troque(s)*, mas produzem-se duas ocorrências de *en cambio* sem alteração vocálica: *de aqui é que fagan bulra e mofa do acento gallego, e, en cambio, dean as laudes e poñan nas nubes a outros mais viciosos e defeituosos* (López Ferreiro, *TE* 13); *En cambio, mulleres, en un abrir e cerrar de ollos xuntouse ali unha nube delas* (López Ferreiro, *TE* 94). Além destes casos, registámos mais cinco sob igual forma n'*O castelo de Pambre* do mesmo autor, do ano 1895, mas nenhum na sua última novela, de 1905, *O niño de pombas*. Este marcador continuou a usar-se na língua escrita durante todo o século XX, apesar de normalmente não se encontrar de forma expressa nas gramáticas nem nas normas ortográficas: *En cambio, os latinoamericanos semellan bailadores natos dos seus ritmos ondeantes* (Gonsar, *CTS* 63).

O uso escrito de *en cambio* chegou à actualidade, mas a sua eliminação da própria redacção das normas oficiais, sem figurar também entre as locuções adverbiais ou entre os nexos conjuntivos (Real Academia Galega & Instituto da Lingua Galega, 2003: 183-184), está a supor a paulatina desaparecimento da língua escrita. Eliminada, pois, da norma, o seu lugar como locução adverbial conectora é ocupado maioritariamente por *en troques*, que obedece à mesma estruturação morfossintáctica e semântica, mas não parece ser derivada de castelhanismo. Porém, o -s analógico não costuma ser consagrado pela norma nos advérbios galegos; já afirmara ao respeito Luguís Freire (1931: 75) que a “forma *mentes* (*mesmamentes*, *malamentes*) úsase moi pouco, e dende logo aconsellamos que se desbote o seu emprego por incorreito”. Poderia muito bem adoptar-se igualmente *en troque*, *en troco* ou *en troca*, pois, tratando-se de um derivado pós-verbal, as três soluções convivem no galego (cfr. *custo/custe/custa* em paralelo com *troco/troque/troca*). A última destas fórmulas, *en troca*, vai ganhando espaço na língua escrita ao lado de *en troques*: *Cando serve ao poder, en troques, é parte do sistema de dominación totalitario sobre o cidadán* (S. de Toro, *ET* 15); *En troca, o nacionalismo galego, e máis unha vez en solitario, tentou colocar na axenda os problemas* (C. Aymerich: “Galiza existe, tamén en Europa”, *ANT* 17-23/6/2004, p. 13); *en troca, é interesante notar que o autor presenta*

(H. Monteagudo, “Na xénese de *Sempre en Galiza...*”, *ANT* 22-28/7/2004, p. 2 do suplemento).

Recusado, pois, *en cambio* da norma do galego, diremos que *en troca* ou *en troques*, aínda que normalmente conecta oracións en contraste, tamén pode pôr en contacto unidades sintácticas inferiores à oración, e non só pode aparecer na primeira posición da secuencia que introduce, mas tamén no interior desta. Ao contrario de outros contra-argumentativos como *non obstante* ou *porén*, non anula unha conclusión que parecía induzir o segmento precedente, coincidindo nisto com o grupo de *polo contrario*, de que se distingue por este conter a noção de contraposición ou contrariedade.

4.2. Polo contrario, ao contrario, pola contra, por contra

Outro conector que assinala tamén relación de contraste é, pois, *polo contrario* (*pelo contrario*), com as variantes *ao contrario*, *pola contra* ou *por contra*. Mas no par opositivo *en troques* / *polo contrario* o primeiro age como membro non marcado e o segundo como membro marcado, pois este último acrescenta ao significado comum de contraste o de contraposición polarizada entre contrários (Fuentes, 1998b: 56); assim, *en troques* ou *en troca* pode frecuentemente aparecer em lugar de *polo contrario*, mas o contrario nem sempre é possível (Montolío, 2001: 85), como mostram os seguintes exemplos:

- (4) a) *A Uxía traballa nunha farmacia; o seu noivo, en troques, traballa nun banco.*
 b) *#A Uxía traballa nunha farmacia; o seu noivo, polo contrario, traballa nun banco.*
- (5) a) *Este vestido é bonito e, en troques, barato.*
 b) *#Este vestido é bonito e, polo contrario, barato.*

As versións (b) dos exemplos (4) e (5) non admitem bem a aparición de *polo contrario* porque a relación que se establece é simplemente de contraste e non de contraposición. Porém, nos exemplos (6) e (7) *polo contrario* é perfectamente substituível por *en troques*, como membro non marcado, aínda que o uso de *polo contrario* indique uma maior oposição entre as informaçoes conectadas:

- (6) a) *A Uxía traballa nunha farmacia; o seu noivo, polo contrario, está desempregado.*
 b) *A Uxía traballa nunha farmacia; o seu noivo, en troques, está desempregado.*
- (7) a) *Este vestido é bonito; aquel, polo contrario, é horríbel.*
 b) *Este vestido é bonito; aquel, en troques, é horríbel.*

Quando *polo contrario* aparece num enunciado em que ambos os segmentos comentam o mesmo tópico e o primeiro figura com polaridade negativa, então funciona com valor opositivo excludente, pois não põe em contraste duas informações de signo diferente, mas nega a verdade da primeira proposição e substitui-a pela segunda, que dessa forma se apresenta como a única correcta, tal como faz a conjunção adversativa excludente *senón*, sendo especialmente nestes usos opositivos excludentes quando *polo contrario* não se pode comutar por *en troques*:

- (8) *As declaracións do candidato non favoreceron o seu partido; polo contrario, restáronlle moitos votos.*

Assim pois, o conector *polo contrario* (e *pola contra*) é um relacionante supra-oracional que geralmente estabelece uma relação entre enunciados e que indica oposição polar, podendo aparecer intercalado no segundo enunciado ou combinado com outros nexos como *ou*, *mais* ou *senón* (Fuentes, 1998b: 57). Com esta mesma base semântica existem outras construções como *ao contrario* e *todo o contrario*. Quanto ao primeiro, *ao contrario*, trata-se de uma locução adverbial que equivale semanticamente a ‘ao revés’; mantém o seu significado e não parece estar completamente gramaticalizado como conector, pois, além disto, pode ocupar por si só um lugar no diálogo (9) e pode ser destacado como qualquer segmento com conteúdo lexical (10):

- (9) – *Tiveches de agardar moito tempo?*
– *Ao contrario.*

- (10) *Foi ao contrario como o fixo.*

Possivelmente a partir destes valores originários foi adquirindo o de conexão pelo carácter deíctico que implica, derivando portanto a relacionante supra-oracional, com mobilidade, ainda que sem estar totalmente consolidado como conector. Tem valor excludente, é um refutativo próximo de *senón* e é sempre precedido de uma negação, coincidindo com os usos opositivos excludentes de *polo contrario*, como se pode ver ao substituímos por este no exemplo (8):

- (11) *As declaracións do candidato non favoreceron o seu partido; ao contrario, restáronlle moitos votos.*

Quanto a *todo o contrario*, não está tão avançado no seu processo de gramaticalização, a que o leve a comportar-se como uma sequência adverbial que nega o precedente e que vai seguida de uma oração que explica esse comentário negativo; isto é, rejeita o anterior e dá passo a uma explicação dessa refutação (Fuentes, 1998b: 59):

- (12) *O seu fillo non fixo un bo curso. **Todo o contrario**, suspendeu case todas as materias.*

Tanto *ao contrario* como *todo o contrario* são duas expressões adverbiais com valor modal que estabeleceram uma relação exclusiva, correctiva, semelhante a *senón*, e que se podem usar como respostas a uma pergunta, conservando o seu significado lexical, de modo que não se devem considerar como totalmente gramaticalizadas, embora *ao contrario* esteja mais avançada nesse processo. Também *antes ben*, já visto, é um relacionante de refutação semelhante a *senón*, mas reduzido ao âmbito culto, que pode aparecer igualmente com a forma *antes ao contrario* (Fuentes, 1998b: 62) ou *antes polo contrario*; estes coincidem com *polo contrario* por serem relacionantes de oposição restritivos que marcam oposição entre elementos extremos (Fuentes, 1998a: 31).

Quanto à aparição destas formas no galego escrito, não encontramos exemplos nos textos dos séculos obscuros. Nos antigos também não conseguimos localizar nenhum caso de *por contra*, mas sim alguns dos outros conectores que mantêm a mesma base lexical; os casos de *pola contra* foram localizados na obra de Lamas Carvajal, onde também se regista a expressão *todo pola contra é*, que pode explicar a génese do processo de gramaticalização deste conector: *pola contra, ten moito tino de recoller cantos cabuchosalcontra* (Lamas Carvajal, *OLX* 153); *Pola contra, Cánovas está en vísporas de se casar* (Lamas Carvajal, *OLX* 279); *motivos/ pra me non casar, non teño,/ pola contra, pro cavilo* (Lamas Carvajal, *PG* 417); *todo pola contra é/ porque o rico gasta e trunfa* (Lamas Carvajal, *PG* 335). Bastantes mais são as ocorrências de *polo contrario* nos textos antigos, que se converte assim no conector deste tipo mais amplamente documentado na altura, com uma significativa presença também de *ao contrario*; vejam-se alguns exemplos de ambos: *España nunca, nunca os venceu; polo contrario sempre saleu vencida, derrotada, homillada* (Rosalia, *CG* 10); *si polo contrario tod'o teu pensamento entregache a Xan d'os Picos* (Armada, *NME* 22); *antes polo contrario guiáron-a correndo hastra onde iba Nuño* (López Ferreiro, *CA* 133); *Ó contrario, exempros ben recentes temos visto* (Lamas Carvajal, *OLX* 292); *Non teño queixa ningunha. Ò contrario* (Armada, *NME* 57).

Assim pois, alguns destes exemplos demonstram que no século XIX *pola contra*, *polo contrario* e *ao contrario* já estavam gramaticalizados como conectores contra-argumentativos. Num deles *polo contrario* aparece combinado com *antes*, conector que também pode figurar sob a forma *antes ben* e que leva a cabo uma oposição excludente baseada na incompatibilidade de conteúdo dos dois membros conectados, a coincidir portanto nisto com o uso opositivo excludente de *polo contrario*. Logicamente, o uso escrito destes conectores desenvolveu-se com normalidade durante o século XX até à actualidade: *Pola contra, en ALAS ven máis urxente a normalización do matrimonio* (L. R. Lorenzo: “Matrimonios homosexuais...”, *ANT* 8-14/7/2004, p. 14).

5. Conclusão

A partir da consideração dos conectores como um grupo de unidades linguísticas que fazem parte dos marcadores discursivos, nas páginas precedentes estudaram-se os conectores contra-argumentativos e, mais em concreto, dois tipos específicos deles: aqueles que expressam a noção de preferência e os que se especializaram em porem em contraste ou contradição a informação precedente com a que é introduzida por eles. Os primeiros têm em comum, no plano formal, a possibilidade da presença do constituinte *ben*: *antes (ben)*, *máis ben* e *ora (ben)* ou *agora (ben)*, ainda que esta última fórmula pareça prescindível; as três evoluíram de um significado de preferência para outro de adversatividade, mas também apresentam alguma diferença entre si: *ora (ben)* tem um significado adversativo restritivo não exclusivo, entanto que *antes (ben)* e *máis ben* são conectores adversativos exclusivos.

Ao segundo grupo, conectores de contraste, pertence também *antes (ben)*, junto com *en troques*, *en troca* ou *en cambio*, por um lado, e *polo contrario*, *ao contrario*, *pola contra*, *por contra*, por outro, todos eles com alguma presença na língua escrita. *En troques*, *en troca* e *en cambio*, esta última fórmula eliminada de facto da norma, introduzem também o argumento que finalmente se vai impor na linha discursiva, mas não anulam a conclusão a que o argumento anterior parece conduzir, como acontece com outros conectores contra-argumentativos. *Polo contrario*, *ao contrario*, *pola contra* e *por contra*, também prescindível, acrescentam ao significado de contraste dos anteriores o significado de contraposição polarizada entre argumentos contrários; *ao contrario* tem valor excludente e é sempre precedido de uma negação, mas não está plenamente consolidado como conector.

Referências

- Acín Villa, Esperanza 1993. *Aspectos de la adversación en español actual*. A Coruña: Universidade da Coruña.
- Acín Villa, Esperanza 1998. Los marcadores de función textual 'intensificación' *es más*, *más aún* y *máxime*. In M. A. Martín Zorraquino & E. Montolío Durán (coords.) *Los marcadores del discurso: teoría y análisis*. Madrid: Arco Libros, pp. 163-176.
- Anscombe, Jean-Claude & Oswald Ducrot 1994. *La argumentación en la lengua*. Madrid: Gredos.
- Associação Galega da Língua 1983 *Estudo crítico das Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego*. A Coruña: AGAL.
- Briz, Antonio 1993a. Los conectores pragmáticos en español coloquial (I): su papel argumentativo. *Contextos* XI/21-22, pp. 145-188.

- Briz, Antonio 1993b. Los conectores pragmáticos en la conversación coloquial (II): su papel metadiscursivo. *Español Actual* 59, pp. 39-56.
- Cortés Rodríguez, Luis 2000. Conectores, marcadores y organizadores como elementos del discurso. In J. J. de Bustos, P. Charaudeau; J. L. Girón, S. Iglesias & C. López (eds.) *Lengua, discurso, texto (I Simposio Internacional de Análisis del Discurso)* Vol. 1. Madrid: Visor, pp. 539-550.
- Cuartero Sánchez, Juan Manuel 1995. El estatuto categorial de *además* y sus propiedades distribucionales. *Dicenda* 13, pp. 103-118.
- Cuveiro Piñol, Juan 1868. *El habla gallega. Observaciones y datos sobre su origen y vicisitudes*. Pontevedra: Imprenta de José Antúñez y Cía.
- Ducrot, Oswald 1980. *Les échelles argumentatives*. Paris: Minuit.
- Ducrot, Oswald 1995. Les modificateurs déréalisants. *Journal of Pragmatics* 24, pp. 145-165.
- Fernandes, Gonzalo 2003. Partículas discursivas em Gil Vicente. *Revista Portuguesa de Humanidades* 7, pp. 143-153.
- Fernández Ferreiro, Manuel 2002. Marcadores do discurso e cognición: o caso de *pero*. In X. A. Fernández Roca & M. J. Martínez López (eds.) *Vir bonus docendi peritus. Homenaxe a José Pérez Riesco*. A Coruña: Facultade de Filoloxía & Universidade da Coruña, pp. 65-83.
- Ferreiro, Manuel [1995] 1999. *Gramática histórica galega I. Fonética e Morfosintaxe*. Santiago de Compostela: Laiovento.
- Ferrer Mora, Hang & Salvador Pons Bordería (2001). Presentación. *Quaderns de Filologia. Estudis Lingüístics* 6, pp. vii-x.
- Ferrer Mora, Hang 2001. De las partículas modales alemanas a los conectores pragmáticos en español: un puente. *Quaderns de Filologia. Estudis Lingüístics* 6, pp. 93-113.
- Freixeiro Mato, Xosé Ramón 2003. *Gramática da Lingua Galega IV. Gramática do texto*. Vigo: A Nosa Terra.
- Freixeiro Mato, Xosé Ramón 2005. *Os marcadores discursivos. Conectores contraargumentativos no galego escrito*. A Coruña: Área de Filoloxías Galega e Portuguesa (Anexo 3 da *Revista Galega de Filoloxía*).
- Fuentes Rodríguez, Catalina [1996] 1998a. *La sintaxis de los relacionantes supraoracionales*. Madrid: Arco Libros.
- Fuentes Rodríguez, Catalina 1998b. *Las construcciones adversativas*. Madrid: Arco Libros.
- Garachana Camarero, Mar 1998. La noción de preferencia en la gramaticalización de *ahora (que), ahora bien, antes, antes bien y más bien*. In J. L. Cifuentes Honrubia (ed.) *Estudios de Lingüística Cognitiva*. Vol. 2. Alicante: Universidad de Alicante, pp. 593-614.
- García Negroni, María Marta 2001. Les connecteurs espagnols *encima/además*: argumentation transgressive et argumentation normative. *Langages* 142, pp. 41-56.
- Gonçalves, Miguel 2002. O concepto de conector nos diversos estádios do sistema teórico de Ducrot e da sua equipa. In I. M. Duarte, J. Barbosa, S. Matos & T. Hüsgen (eds.). *Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de*

- Linguística da Universidade do Porto*. Vol. 2. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp. 203-216.
- Gonçalves, Miguel 2004. Conectores opositivos e conectores de ruptura enunciativa do discurso: *or, agora bien e ora bem*. In F. Oliveira & I. M. Duarte (orgs.) *Da Língua e do Discurso*. Porto: Campo das Letras, pp. 383-401.
- Guimarães, Eduardo 2002. *Texto e argumentação. Um estudo de conjunções do português*. Campinas: Pontes.
- Jucker, Andreas H. & Yael Ziv 1998. Discourse markers: Introduction. In A. H. Jucker & Y. Ziv (eds.) *Discourse Markers. Descriptions and Theory*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 1-12.
- Koch, Ingedore G. Villaça [1984] 2002. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez.
- Koch, Ingedore G. Villaça [1993] 2003. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- Lugrís Freire, Manuel [1922] 1931. *Gramática do Idioma Galego*. A Coruña: Moret.
- Maingueneau, Dominique 1996. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes.
- Maingueneau, Dominique [1987] 1997. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes.
- Mateus, Maria Helena Mira, Ana Maria Brito, Inês Duarte & Isabel Hub Faria [1983] 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Montolío Durán, Estrella 2001. *Conectores de la lengua escrita*. Barcelona: Ariel.
- Padilla de Zerdán, Constanza 2001. Configuraciones lingüísticas de las relaciones lógico-semánticas y pragmáticas: los conectores argumentativos. *Quaderns de Filologia. Estudis Lingüístics* 6, pp. 197-217.
- Parga Valiña, Edelmira María 1999. A interferencia lingüística no galego oral. In R. Álvarez & D. Vilavedra (orgs.) *Cinguidos por unha arela común. Homenaxe ó profesor Xesús Alonso Montero*. Vol. 1. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 789-808.
- Pons Bordería, Salvador 1998. *Conexión y conectores. Estudio de su relación en el registro informal de la lengua* [= Cuadernos de Filología, Anejo XXVII]. València: Universitat de València.
- Pons Bordería, Salvador 2001. Connectives/Discourse markers. An overview. *Quaderns de Filologia. Estudis Lingüístics* 6, pp. 219-243.
- Portolés, José 1993. La distinción entre los conectores y otros marcadores del discurso en español. *Verba* 20, pp. 141-170.
- Portolés, José 1995. Diferencias gramaticales y pragmáticas entre los conectores discursivos *pero, sin embargo* y *no obstante*. *Boletín de la Real Academia Española* 75, pp. 231-269.
- Portolés, José 1998. Dos pares de marcadores del discurso: *en cambio* y *por el contrario, en cualquier caso* y *en todo caso*. In M. A. Martín Zorraquino & E. Montolío Durán (coords.) *Los marcadores del discurso: teoría y análisis*. Madrid: Arco Libros, pp. 243-264.

- Portolés, José 2000. El origen de los marcadores y la deixis discursiva. In P. Carbonero, M. Casado & P. Gómez (eds.) *Lengua y discurso. Estudios dedicados al profesor Vidal Lamíquiz*. Madrid: Arco Libros, pp. 773-782.
- Portolés, José [1998] 2001. *Marcadores del discurso*. Barcelona: Ariel.
- Real Academia Galega & Instituto da Lingua Galega [1982] 2003. *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*. Vigo: RAG & ILGA.
- Saco Arce, Juan A. 1868. *Gramática gallega*. Lugo: Imprenta de Soto Freire.
- Schiffrin, Deborah 1987. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.

Textos

- Amado Carballo, *OPV* = Amado Carballo, Luís (1982) *Obras en prosa e verso*. Vigo: Castrelos.
- ANT* = *A Nosa Terra*. Vigo: Promocións Culturais Galegas.
- Armada, *NME* = Armada Teixeira, Ramón (1886) *¡Non máis emigración!* Habana: Imprenta d'A Correspondenza de Cuba.
- Blanco-Amor, *AE* = Blanco-Amor, Eduardo ([1959]1978) *A Esmorga*. Vigo: Galaxia.
- Carré, *RA* = Carré Aldao, Eugenio (1898) *Rayolas*. A Cruña: Emprenta e libreiría de E. Carré.
- Carvalho, *SC* = Carvalho Calero, Ricardo (1987) *Scórpio*. Barcelona: Sotelo Blanco.
- Castelao, *VE* = R. Castelao, Alfonso (1953) *Os vellos non deben de namorarse*. Vigo: Galaxia.
- Dieste, *AFV* = Dieste, Rafael ([1927]1958) *A fiestra valdeira. Comedia de remate ledo en tres lances, o derradeiro c'un respiro*. Buenos Aires: Citania.
- Fandiño, *C* = Barreiro, X. R., L. Tato & C. Blanco (eds.) (2000) Antonio Benito Fandiño, *A casamenteira*. Ourense: Linteo.
- Fernández y Morales, *EP* = Fernández y Morales, Antonio (1861) *Ensayos poéticos en dialecto berciano, por el comandante de infantería e inspector provincial de estadística, D. Antonio Fernández y Morales*. León: Establecimiento tipográfico de la Viuda é Hijos de Miñon.
- Fole, *ALC* = Fole, Ánxel (1953) *Á lús do candil. Contos a carón do lume*. Vigo: Galaxia.
- Gonsar, *CTS* = Gonsar, Camilo (1980): *Cara a Times Square*. Vigo: Galaxia.
- Lamas Carvajal, *OLX* = Garcia Negro, M. P., A. Gómez & M. Queixas (ed.) (1996) Lamas Carvajal, Valentín, *A Nosa Literatura*. Vol. 15. *Obra literaria e xornalística. Antoloxía*. Vigo: A Nosa Terra.
- Lamas Carvajal, *PG* = Garcia Negro, Maria Pilar (ed.) (1998) Lamas Carvajal, Valentín, *Poesía galega*. Sada-A Coruña: O Castro.
- LFF* = Garcia Negro M. P., A. Gómez & F. Rodríguez (1996) *A Nosa Literatura*. Vol. 12. *Literatura feminina e feminista da segunda metade do século XIX*. Vigo: A Nosa Terra.
- Lois, *ES* = Lois Estévez, Roxelio (1894) *Estrugas*. Pontevedra: Tip. de la V. de J. A. Antunez.

- López Ferreiro, *CA* = López Ferreiro, Antonio (1895) *O castelo de Pambre*. Santiago de Compostela: El Pensamiento Gallego & Alende.
- López Ferreiro, *TE* = López Ferreiro, Antonio ([1894]1895) *A tecedeira de Bonaval*. Coruña: Andrés Martínez & Casa de la Misericordia.
- Noriega, *OC* = Freixeiro Mato, Xosé Ramón (ed.) (1994) *Antonio Noriega Varela. Estudio e edición da obra completa*. Vols. I e II. Lugo: Deputación Provincial.
- Pérez Placer, *CR* = Pérez Placer, Heraclio (1887) *Cantares premeados n-o certame d'Ourense*. Santiago: Librería de José Galí.
- Risco, *PDP* = Risco, Vicente ([1972]1979) *O porco de pé*. Vigo: Galaxia.
- Rodríguez González, *FO* = Rodríguez González, Eladio (1894) *Folerpas*. Coruña: Andrés Martínez.
- Rosalía, *CG* = Pociña, A. & A. López (eds.) ([1992]1993) Rosalía de Castro, *Poesía galega completa I. Cantares gallegos*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.
- S. de Toro, *ET* = Toro, Suso de (2004): *Españois todos*. Vigo: Xerais.
- Sarmiento, *C* = Mariño Paz, Ramón (ed.) (1995) Fr. Martín Sarmiento, *Coloquio de vintecatros galegos rústicos*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- SEI* = Freixeiro Mato, Xosé Ramón (ed.) (1996) *A Nosa Literatura*. Vol. 7. *Os séculos escuros e a Ilustración galega. Antoloxía*. Vigo: A Nosa Terra.